

# A ESCOLA QUE ERA CINZA PARA ESCONDER A SUJEIRA: COMO A PARTICIPAÇÃO E O PROTAGONISMO CULTURAL COMUNITÁRIO MUDARAM AS CORES DA EDUCAÇÃO MUNICIPAL

Ana Elisa Siqueira y Renata Toledo

*Escola Municipal Desembargador Amorim Lima*

*Brasil*

## Resumo

• • •

Em 1996, quando foram removidos os alambrados que impediam a circulação no pátio da Escola Municipal Amorim Lima, em São Paulo, a comunidade passou a frequentar o espaço nos fins de semana. Foi o começo de uma longa jornada em busca da participação cidadã para a construção e o estabelecimento de uma escola pública aberta e democrática. Este texto faz um retrospecto das ações educativas trilhadas em busca do inovador e nacionalmente reconhecido projeto pedagógico desta escola pública.

O estreitamento dos laços entre as famílias e o ambiente escolar deu-se inicialmente com o oferecimento de atividades extracurriculares, como oficinas de capoeira, educação ambiental e teatro. Em 2003, ao examinar o projeto político-pedagógico daquele ano letivo, o Conselho da Escola viu uma grande dissonância entre o texto e a prática cotidiana. Começou-se, então, o esboço de uma proposta inovadora de educação pública, inspirada na pedagogia da Escola da Ponte de Portugal. Nesta proposta, que busca construir uma comunidade escolar democrática e participativa, os alunos são donos do seu aprender e as práticas educativas são pensadas a partir das matrizes culturais africanas e indígenas, formativas do povo brasileiro.

## Resumen

...

En 1996, cuando se quitaron los alambrados que impedían la circulación en el patio de la Escuela Municipal Amorim Lima, en São Paulo (Brasil), la comunidad pasó a frecuentar el espacio los fines de semana. Fue el comienzo de una larga jornada en búsqueda de la participación ciudadana para la construcción y el establecimiento de una escuela pública abierta y democrática. Este texto hace una retrospectiva de las acciones educativas promovidas hacia el innovador y nacionalmente reconocido proyecto pedagógico de esta escuela pública.

El estrechamiento de los lazos entre las familias y el ambiente escolar se dio inicialmente con el ofrecimiento de las actividades extracurriculares, como los talleres de capoeira, educación ambiental y teatro. En 2003, al examinar el proyecto político pedagógico del año lectivo, el Consejo de la Escuela encontró una gran disonancia entre el texto y la práctica cotidiana. Se empezó entonces el borrador de una propuesta innovadora de educación pública, inspirada en la pedagogía de la “Escola da Ponte” de Portugal. En esta propuesta, que busca construir una comunidad escolar democrática y participativa, los alumnos son dueños de su aprender y las prácticas educativas son pensadas a partir de las matrices culturales africanas e indígenas, formativas del pueblo brasileño.

### A escola que era cinza

...

Chovia copiosamente em São Paulo como em muitas outras tardes de outubro na cidade. Mas o encharcado crepúsculo daquele dia não somente marcava a escuridão do retrocesso político-democrático atualmente

vivido no país. Ele, ironicamente, também possibilitaria o raiar de um novo e escrutinador olhar para a educação emancipadora impulsionada pela escola municipal Amorim Lima nos últimos 13 anos.

Que educação é essa? O que ela tem a ver com cultura viva de base comunitária? Por que a liberdade por ela proporcionada despertou a ira do 9º mais votado vereador da maior metrópole da América Latina? Um retrospecto das ações educativas trilhadas em busca do inovador e nacionalmente reconhecido projeto pedagógico da Amorim permite lançar luz a essas intrigantes questões.

### **O lugar da participação na prática educativa Amorim Lima**

• • •

Uma importante e profunda transformação teve início em 1996, quando os literais alambrados que cercavam a circulação no pátio da escola foram removidos e a comunidade passou a frequentar o espaço nos finais de semana. Era o começo de uma longa e complexa jornada em busca da participação cidadã da comunidade para a construção e o estabelecimento de uma escola pública aberta e democrática. Esse conceito mais amplo, que vai além do exercício dos direitos políticos e sociais garantidos pela Constituição Brasileira é defendido por Amorim (2007, p. 369), ao mencionar que “trata-se de uma participação ativa dos cidadãos nos processos políticos, sociais e comunitários e tem como objetivo influenciar as decisões que contemplem os interesses coletivos e o exercício da cidadania”.

Prevista em lei, no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90, artigo 53), ao assegurar “o

direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”, assim como na Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/96, artigos 14 e 15), a participação comunitária nos destinos da escola pública, no seio de um debate progressista, é essencial para que a população possa exercer e fortalecer seu poder reivindicatório de forma crítica e emancipada (SILVA, 2006). E foi nesse sentido que a comunidade Amorim caminhou ao demandar e organizar-se para oferecer atividades extracurriculares, inicialmente no contraturno, por meio de oficinas de cultura brasileira, como capoeira, educação ambiental e teatro. Interessante notar que esse movimento propiciou de maneira espontânea que famílias, por falta de tempo, antes distantes do cotidiano escolar de seus filhos, pudessem se apropriar das propostas ao buscá-los após um dia estafante de trabalho e assim estreitar os laços com o ambiente escolar. Outro reflexo da maior participação dos pais e mães na educação dos filhos se deu no âmbito social. Eles ativamente iniciaram seu progressivo envolvimento na organização das festas promovidas pela escola, como a Festa Junina, a Festa da Cultura e o Auto de Natal, importantes eventos para a convivência comunitária.

Em 2002, enfrentando e contrariando muitos dos obstáculos inerentes ao processo participativo e à concretização de seu papel representativo, o Conselho de Escola, então fortemente constituído, diagnosticou questões centrais para a melhoria na qualidade da educação das crianças e adolescentes da escola Amorim Lima. Apesar de subjetiva e controversa, a chamada “qualidade” da educação, especificamente para a comunidade Amorim, tinha que ver com a indisciplina dos alunos e a elevada ausência

de professores. Ainda que localizada, e concentrada em algumas disciplinas (o levantamento nas 5<sup>as</sup> a 8<sup>as</sup> séries indicava, nos primeiros meses de 2002, ausência superior a 50% nas aulas de matemática em 5 das 11 turmas), a ausência do professor assumiu lugar central no bojo da discussão sobre uma aprendizagem não autoritária, sendo aquela que “impede a internalização dos mecanismos de submissão e conformidade...que centra-se na erradicação da angústia, do medo, da culpa e da dependência” (MOTTA, 2003, p. 372).

No início de 2003, ao examinar o projeto político-pedagógico elaborado para o ano letivo que se iniciava, o Conselho de Escola entendeu que havia grande dissonância entre o texto e a prática cotidiana na escola. A partir desse momento, outro grande divisor de águas toma lugar na Amorim Lima: qual era a proposta pedagógica idealizada e consoante com as inquietações levantadas em torno da construção de uma comunidade escolar democrática e participativa, com alunos donos do seu aprender?

### Elementos para a formação de uma cultura singular

• • •

A partir da experiência inspiradora da pedagogia da Escola da Ponte de Portugal, o esboço de uma proposta inovadora de educação pública começou a ser desenhada.

As singularidades do projeto Amorim Lima começaram a brotar diante da realidade vivida por uma escola com proposta diferenciada dentro de um sistema municipal de ensino que fomenta a padronização. Esse processo histórico de homogeneização cultural nas escolas acontece em grande parte

devido à dificuldade que esse espaço tem em conviver com a pluralidade e a diferença, as quais tenta silenciar e neutralizar. Em contrapartida, a escola Amorim Lima decidiu enfrentar o desafio de trabalhar com a pluralidade de culturas, reconhecendo, valorizando e promovendo a manifestação dos diferentes sujeitos socioculturais existentes em seu contexto (MOREIRA; CANDAU, 2003).

O desenho do projeto político-pedagógico passou então a contemplar o anseio de todos – alunos, educadores, pais e comunidade – de formação da consciência social, crítica, solidária e democrática, na qual o sujeito vá de forma gradual se percebendo como agente do processo de construção do conhecimento e de transformação das relações entre os homens em sociedade, por meio da ampliação e recriação de suas experiências, da sua articulação com o saber organizado e da relação da teoria com a prática em um ambiente de respeito e solidariedade. Uma busca por “uma escola humanizadora, na qual o homem se veja naquilo que é: segurança e insegurança, medo e coragem, avanços e recuos, tolerância e intolerância, disciplina e transgressão, pensamento, sentimento, razão” (DOMINGUES, 2000, p.7).

Para alcançar tal ambicioso destino, objetivos específicos foram elaborados para pautar o trabalho e são perseguidos diariamente. São eles: 1) elevar o grau de compromisso por parte de todos na escola, que no âmbito do projeto significa conhecê-lo plenamente, identificar-se com ele, fazendo disso sua prática; 2) ampliar as experiências culturais para a transformação das relações em sociedade; 3) desenvolver e implementar uma intencionalidade educativa que seja clara e compartilhada por todos;

4) reafirmar nas ações educativas, os valores de autonomia, solidariedade, democracia participativa e responsabilidade; 5) garantir diferentes instâncias de participação na vida da escola em consonância com as leis; e 6) criar e organizar os espaços para o pleno desempenho do projeto.

No entanto, para a criação “de um espaço comum e de trocas simultâneas, onde os indivíduos possam deparar-se com os conflitos, divergências e juntos encontrarem saídas criativas, propostas de vida que atendam seus mais diversos interesses” (DOMINGUES, 2000, p. 10), onde o tempo venha a ser alfabetizador e construtor de uma pessoa, um lugar onde exista respeito ao processo formativo de cada um, e a convivência seja o elemento mais potente de uma educação que transforma, foi necessária uma atitude de superação do conceito de “cultura separada da vida, traço fundamental da educação meramente voltada para a reprodução da exploração e da opressão” (MOTTA, 2003, p. 373).

A cultura liberta e ajuda a viver o coletivo e a trabalhar com a identidade, com o que se é, e o que não se é, ensina outra forma de lidar com as diferenças, com as perspectivas diferentes, com a diferença pessoal. Ela acessa outra porta de entrada no sujeito para que esse possa se posicionar no mundo e se reconhecer como alguém único. Esse caráter constituidor da cultura como a argamassa que une a construção do indivíduo e seu pertencimento identitário, defendida portões adentro da Amorim Lima, é assim mencionada por Carrara, Carvalho e Lima (2010, p. 9):

*[...] a cultura não é apenas mediação privilegiada para a educação. Cultura e educação se vinculam irrevogavelmente.*

*Acessar, fruir, processar e criar são uma mesma espiral cultural e educacional. Essa tessitura conjunta constrói conhecimentos e saberes, vivências e valores, objetividade e subjetividade.*

Assim, na Amorim, constituir-se cidadão do mundo significa necessariamente entender-se brasileiro. São dispositivos importantes de reflexão e experiência nesse sentido os roteiros de pesquisa que trazem e tratam a história, os conflitos; as oficinas de dança, arte, música, capoeira, tertúlias literárias, línguas, entre tantas outras facetas da cultura brasileira. Na contramão do que comumente acontece por essas paragens, inclusive no ambiente escolar, com a valorização da cultura externa, do que vem de fora, como sendo melhor em detrimento da cultura local (FOGANHOLI, 2012, p. 91), a Amorim promove práticas educativas pensadas a partir das matrizes culturais africanas e indígenas, formativas do povo brasileiro.

Como Ponto de Cultura Viva Comunitária<sup>25</sup> que é, produtora, catalisadora e irradiadora da cultura de muitas comunidades dentro de uma só – crianças, jovens, pais, mães, educadores, mestres, grãos, intelectuais, cantores, escritores, grafiteiros, entre tantos outros habitantes, a escola se aproximou de parceiros alinhados e solidários aos valores e objetivos de seu projeto político-pedagógico para que seu desejo de educar pela cultura se concretizasse.

Uma estreita e indispensável parceria nasceu com

---

<sup>25</sup> “Pontos de Cultura são as entidades ou coletivos culturais certificados pelo Ministério da Cultura. Entendem-se por organizações culturais comunitárias aquelas que desenvolvem ações culturais, educacionais e/ou de comunicação popular vinculadas a um território, de maneira permanente, não diretamente vinculadas ao âmbito estatal ou ao mercado de bens, produtos e serviços culturais”. Fonte: [www.iberculturviva.org](http://www.iberculturviva.org).



a Associação Educação Cidadã, organização não governamental criada em 2005 com base na participação ativa de seus fundadores junto à transformação ocorrida na escola e em seu Conselho. Aliás, o surgimento de novas vivências a partir de uma experiência colegiada, facilita o amadurecimento das relações sociais, uma atuação mais política dos indivíduos, e garante a participação, conforme defende Fernandes (1998, p. 47). No âmbito do trabalho com a Amorim e como parte integrante do Programa “São Paulo é uma escola”, a entidade proporcionou entre os anos de 2006 e 2008, oficinas eleitas pela comunidade nas seguintes modalidades: artes plásticas, dança, música (canto e instrumento), teatro, artesanato em madeira e cerâmica e artesanato em linha. Desde então, a oferta de oficinas culturais curriculares e extracurriculares tem sido uma proposta pedagógica marcante e potente no universo da Amorim.

Outro importante parceiro na caminhada rumo a uma educação pela cultura tem sido o Projeto Maracatu Baque Livre. Concebido para potencializar a força do maracatu como atividade pedagógica e artística na promoção da cultura negra na rede pública de ensino, o coletivo oferece oficinas regulares de música e dança a toda comunidade da Amorim nas noites de segunda e quarta. Os momentos de encontro oportunizam a valorização da música, dos cantos, da história, do batuque e as formas de expressão do próprio povo brasileiro, além de despertar nas diferentes gerações o interesse sobre a manifestação cultural afro-brasileira.

A música, em suas diferentes possibilidades, tem uma ligação íntima com a Amorim, na verdade, umbilical. Não “o ensino de música” nos moldes tradicionais, quase uma imposição da lei, mas sim a partir da

*[...] construção de alternativas contemporâneas. Alternativas que ofereçam condições a crianças e jovens de tomarem contato prazeroso e efetivo com sua própria musicalidade, desenvolvê-la e vivenciá-la, mediante experiências criativas, a música em seu fazer humanamente integrador e transformador; o que significa desenvolverem seus potenciais, conhecerem se melhor e qualificarem sua existência no mundo (KATER, 2012, p. 43).*

Um projeto especial da escola é o Coral Brincante Amorim, liderado pelo professor Marcio Miele, que por meio do cancionário brasileiro e do canto individual e em coral conduz crianças do 1º ao 5º ano através de linguagens musicais do violão, ukelele e flauta doce. É sempre uma grande alegria para toda a comunidade acompanhar meninos e meninas cantando e encantando pelos espaços da escola e escolhendo a música como instrumento para seu posicionamento no mundo.

A teia cultural de apoio à prática educativa da Amorim também é composta pela LiteraSampa, rede formada por onze bibliotecas, sendo oito comunitárias, uma pública e duas escolares, entre as últimas a biblioteca da Amorim. O projeto atua como mediador entre a comunidade e a biblioteca, com ações de incentivo à leitura literária e à busca de enraizamento comunitário. O acesso aos livros e à literatura é essencial para a construção do conhecimento, que na biblioteca Amorim se traduz como espaço de convivência, socialização, integração e troca entre crianças, adolescentes e toda a comunidade escolar. Um lugar de vida, aprendizagem e descobertas.

Um olhar desatento poderia avaliar as parcerias com a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a inclusão

de aulas de grego e latim no currículo da escola, bem como com o Museu da Casa Brasileira, na contramão do que se propõe a cultura viva, já que para alguns, a cultura popular não dialoga com a dita “cultura clássica”, num debate polarizador, que tão somente contribui para a perpetuação de políticas públicas culturais que alimentam essa dicotomia e não contribuem em nada para a criação de uma política cultural pautada no pluralismo e conectada a diferentes perspectivas de cultura (GRASS, 2016, p. 37). Tais parcerias privilegiam a formação humanística de crianças e adolescentes para que possam acessar de forma consciente, autônoma e crítica o acervo artístico-cultural construído no Brasil e no mundo.

Na Amorim, a cultura é viva e “está sempre em mutação e se reproduz sem perder o tênue fio da história, unindo passado, presente e futuro” (TURINO, 2015, p. 15). Tem suas bases edificadas no acolhimento às singularidades do coletivo e possui a pretensão de conectar gerações, ressignificar tradições e propor um olhar contemporâneo sobre a educação.

No projeto entre a Amorim Lima e o Museu da Casa Brasileira, os alunos do 7º ano utilizam o desenho e a fotografia como linguagem e documentação em encontros quinzenais na escola e no museu para investigar o próprio museu, a casa e a escola: as características, funções, semelhanças e diferenças entre esses espaços.

As crianças dos primeiros e segundos anos contam ainda com a significativa intervenção da ArteCom-Ciência, proposta conduzida por duas educadoras voluntárias, Massumi Guibu e Vânia Catão, que acreditam na alfabetização científica onde o conteúdo

da ciência é trazido por meio do corpo vivido e o registro do que é vivenciado é feito pelas artes. Para a Amorim Lima, as várias formas de arte impõem

*[...] relações entre pessoas e grupos, renovando vivências, laços de solidariedade, criando imaginários e poéticas imprescindíveis para o conhecimento do outro e de si mesmo. Nesse sentido, desenvolver-se com arte pode tornar a vida mais alegre e o nosso olhar mais sensível à realidade cotidiana. Pode contribuir para a criação de um rico imaginário, apoiado nas raízes e na criatividade coletiva do presente, e resgatar poéticas que dão um sentido à vida em comunidade pela alegria, o lúdico, a imaginação (FARIA; GARCIA, 2003, p. 43).*

Ao longo dos últimos 13 anos, foram muitos os vínculos de amizade e solidariedade criados com pessoas e organizações que fazem da Amorim o que ela é, um espaço aberto, democrático, onde a diferença não é estigmatizada, mas sim valorizada. Onde o acolhimento é o pilar das relações entre crianças, adolescentes, seus pais e educadores. Esse breve relato retrata apenas alguns dos fios que compõem a trama da cultura singular e comunitária vivida na escola – uma rede composta por parceiros de longa data e de recém-chegados, sempre dispostos a partilhar seus valores, suas vivências, seus saberes.

No entanto, ainda se faz necessário compreender os motivos que levaram o 9º vereador mais votado da cidade de São Paulo nas últimas eleições municipais a intimidar a escola e o que isso tem a ver com cultura viva de base comunitária. Pois bem, aqui vão eles.



A partir dos questionamentos trazidos pelas crianças e adolescentes sobre gênero e seus desdobramentos, a escola promoveu uma semana, no mês de outubro de 2016, cheia de atividades, debates, dinâmicas e rodas de conversa em torno do tema. A proposta enfureceu um político conservador, que buscou frear a autonomia da unidade escolar, assim como a legitimidade em se discutir questões educacionais prementes e contemporâneas.

Tal atitude arbitrária e autoritária por parte de quem deveria estar a serviço dos cidadãos na defesa por uma sociedade mais inclusiva e igualitária, provocou a indignação de muitos que se identificaram com o que estava sendo defendido – a liberdade à educação. Um movimento que mexeu com dezenas de pessoas e organizações, que não somente se posicionaram nas redes sociais, mas que vieram à escola se solidarizar e se disponibilizar. Isso é Cultura Viva. Um

*[...] modo de colocar a emancipação e a cidadania em novos patamares, em que a interdependência e a colaboração se realizam em diálogo, consenso, inclusão, compreensão, compaixão, partilha, cuidado e solidariedade. A humanidade de todos e de cada um está indissolivelmente ligada à humanidade dos outros... Não há como praticar a Cultura Viva sem estar aberto e disponível aos outros e é com esta atitude que a pessoa não se sente intimidada, ganhando coragem e autoconfiança para se colocar no mundo (TURINO, 2015, p. 15).*

A escola agradece a todos que da forma que querem, participam, se envolvem, se mobilizam, se comprometem, se apaixonam, se entregam por uma educação que liberta. A todos que não temem sair do

lugar onde estão e que perseguem seus sonhos, seus ideais em busca da cultura que os representa e que fazem dessa comunidade maior – a Terra – um lugar melhor de se viver.

## Referências Bibliográficas

- AMORIM, M. Cidadania e participação democrática. Anais do II Seminário Nacional de Movimentos Sociais, Participação e Democracia, Florianópolis, 2007.
- CARRARA, A.; CARVALHO, M.; LIMA, T. Cultura e educação na sociedade contemporânea. Cadernos Cenpec, n. 7, 2010.
- DOMINGUES, I. A vida na escola viva: uma proposta de ação. São Paulo. 2000.
- FARIA, H.; GARCIA, P. Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário. São Paulo. 2003.
- FERNANDES, M. Colegiado escolar: espaço de participação da comunidade. Campinas, São Paulo, 1998.
- FOGANHOLI, C. Danças brasileiras de matrizes africanas e indígenas: dialogando com a diversidade. V Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: Motricidade, Educação e Experiência. 2012.
- GRASS, L. Políticas Culturais, Democracia e Desenvolvimento. Brasília. 2016.
- KATER, C. “Por que música na escola?”: algumas reflexões. 2012.
- MOREIRA, A.; CANDAU, V. Educação escola e cultura (s): construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação, n. 23. 2003.

MOTTA, F. Administração e participação: reflexões para a educação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 369-373, jul./dez. 2003.

SILVA, N. A participação da comunidade na gestão escolar: dádiva ou conquista? Revista de Educação, v. 9, n. 9 (2006).

TURINO, C.  $PC = (a + p)r$ . La formula de la cultura viva. El Salvador, 2015.